

'Vitória precisa estar atenta à concorrência'

A220397

Cristina D'Avila

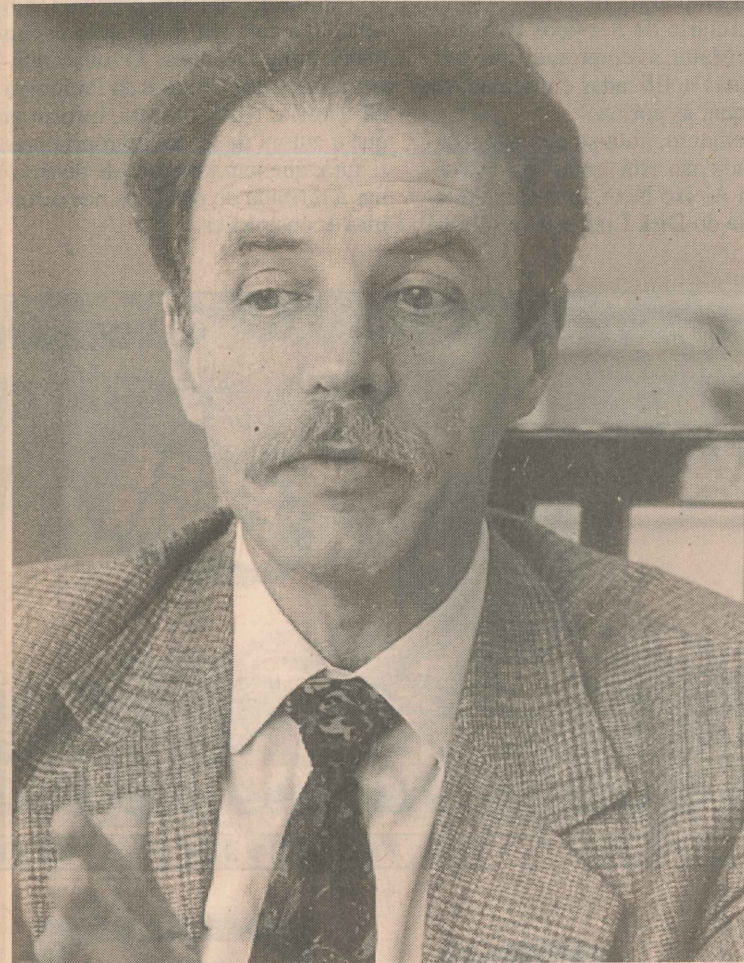
O mundo vive um período de transição e a globalização da economia é uma realidade. Qual o papel de cidades com o perfil de Vitória no próximo milênio? – Vitória é uma cidade portuária e de serviços, voltada ao comércio exterior, com indústrias exportadoras. E já estava envolvida no processo de integração com a economia mundial, antes mesmo que o Brasil entrasse nessa nova fase. Está muito bem posicionada para o próximo milênio, mas precisa estar atenta às outras cidades, que vão buscar se tornar competitivas para também entrar nesse processo exportador, de serviços e com indústrias de exportação. De certa forma, Vitória reinava um pouco absoluta por ter um porto competitivo, especialmente para a exportação de granéis sólidos. Mas, agora, outros portos no Brasil vão tentar fazer um papel semelhante ao que ela faz. Então, a competição vai aumentar muito.

– Quais seriam as cidades concorrentes de Vitória dentro deste mercado?

– Os concorrentes atuais são, basicamente, os portos do Rio de Janeiro, de Santos e, em menor escala, o de Paranaguá. E o maior concorrente potencial futuro é o Porto de Sepetiba, no Rio de Janeiro, que o Governo federal está dando grande apoio.

– Diante desta perspectiva, quais são as vantagens que Vitória oferece? Em que medida o Projeto Vitória do Futuro pode dar sua contribuição?

Ano 2010. Vitória exibirá túneis, mais uma ponte. O trânsito não será mais problema. A Região de São Pedro deixará de ser a sede da usina de lixo para ganhar um tratamento mais nobre. A Praia do Canto e a Enseada do Suá terão sua arquitetura mais verticalizada, com prédios arrojados e altos. A região metropolitana estará consolidada. O comércio exterior, o turismo e o setor de serviços serão a base da economia. Não se trata da leitura ufanista de uma vidente, mas de parte do conteúdo do plano estratégico da Capital, preparado pelo Projeto Vitória do Futuro, a ser entregue à comunidade na próxima terça-feira, às 19h30m, no Teatro Carlos Gomes. O consultor do trabalho, o economista Júlio Olímpio Fusaro Mourão, 51 anos, fala dos caminhos que o município pode trilhar no próximo milênio. Nesta entrevista, destaca os principais pontos da iniciativa pioneira em âmbito municipal no país e do efeito colateral do crescimento mal planejado. Especialista em Prospectiva e Planejamento, o mestre em Engenharia de Produção integrou os quadros do BNDES; foi diretor da Braspetro e professor universitário. Mineiro, de Belo Horizonte, o especialista mora hoje no Jardim Botânico, Rio de Janeiro. Às vésperas da eleição para prefeito, o documento, feito por um time de especialistas, deve funcionar como livro de cabeceira dos candidatos à cadeira do prefeito Paulo Hartung. Conheça mais sobre o estudo.



bientais vão dar à cidade qualidade de vida, necessariamente des-

ta a cidade de uma maneira muito particular. Como fica a relação de

da, um elevador sobre a baía até chegar à rodoviária, onde se encontrará

contrada uma solução metropolitana e de mais longo prazo para o lixo

aos idosos, às mães e crianças carentes, aos deficientes. O que dificulta mais esta concepção é o fato dos serviços sociais da cidade atenderem também à população de outros municípios. Daí, a importância da ação metropolitana.

– Como fica a situação do porto e do aeroporto de Vitória no futuro?

– O Porto de Vitória vem perdendo competitividade e já há um processo de esvaziamento de sua utilização. Ele tem seis berços, dos quais dois têm profundidade adequada a permitir ainda seu uso por um período ainda longo. Mas o restante da área do porto pode ser aproveitada para outras finalidades. Turismo, vida cultural e social no município. Seriam abertos à utilização pública equipamentos, como restaurantes, lojas, atracação de barcos turísticos. Quanto ao aeroporto, chegou-se à conclusão de que ele não deva ser transferido para outro município. Isso, porque ele significa uma vantagem competitiva da cidade. A cidade quer desenvolver seus serviços de comércio exterior, o turismo. Para isso, ela precisará ter uma facilidade de comunicação e transporte muito grande. Poucas cidades no mundo têm um aeroporto tão próximo de seu porto, de seus serviços e ferrovia. A transferência seria uma perda para a cidade. Está prevista no projeto a ampliação do aeroporto para receber vôos internacionais.

– O futuro da cidade aponta para um perfil verticalizado das construções, com prédios elevados?

– A cidade do futuro terá um nível de verticalização, certamente, maior que a atual. Embora tenha razões

– Diante desta pergunta, quais são as vantagens que Vitória oferece? Em que medida o Projeto Vitória do Futuro pode dar sua contribuição?

– É importante garantir para o futuro da cidade o crescimento da renda. Isso para gerar não só emprego para a população, mas também aumentar a receita fiscal, da riqueza da cidade. Investimentos na melhoria da qualidade de vida, nas áreas sociais, como educação, urbanização, são viáveis. Os nossos cenários indicam que Vitória deverá manter a sua base econômica, os serviços exportadores, a exportação de mercadorias e a indústria exportadora, embora se espere que haja uma diversificação. Se estes setores não crescerem, se não for aproveitada esta oportunidade oferecida pela globalização, Vitória poderia caminhar para trás, num cenário que nós chamamos de o caminhar do caranguejo. Por outro lado, avançar nesses serviços significa poder se tornar um centro de serviços nobres, mais sofisticados, de alta tecnologia, não só para exportação, como para atender a todo um pólo regional que abrange a Grande Vitória, o Espírito Santo e a uma parte de Minas Gerais e Sul da Bahia. É um pólo que Vitória atende com serviços especializados de toda a natureza, nas áreas da saúde, educação, transporte, gráficos, sediados aqui. O crescimento econômico nesta direção é que vai permitir a Vitória poder se dedicar a atividades importantes do ponto de vista social, ambiental e urbanístico com recursos desta atividade econômica crescente.

– O morador da cidade hoje deve ter que tipo de expectativa quanto ao futuro, tendo em vista estes dois cenários traçados pelo estudo?

– Estes dois cenários, na verdade, são possíveis. O caminhar do caranguejo não é desejável. Enquanto o outro, o salto do marlim azul, é desejável e possível. Mas para alcançá-lo é preciso tomar as medidas necessárias para que a cidade avance nesta direção.

– Que medidas são essas?

– Há quatro questões que precisam ser abordadas. Uma sob o ponto de vista econômico. Outra seria na área de turismo, hoje muito mal aproveitado. É preciso desenvolver uma série de equações na área social. O processo de urbanização de áreas degradadas, já iniciado, precisa ser ampliado. Enfim, esses projetos urbanísticos, sociais, am-

bientais vão dar à cidade qualidade de vida, com aproveitamento das potencialidades turísticas e das oportunidades econômicas.

– Qual o potencial inexplorado da cidade que o estudo mostrou?

– O turismo. Não é fácil de ser explorado, porque Vitória neste campo enfrenta concorrentes muito fortes, como Rio de Janeiro, Salvador, a Região do Sul da Bahia e, mesmo próxima à Capital, a região de praias. Mas a Capital pode ter um turismo complementar ao turismo do Sudeste. Seria uma porta de entrada para outras regiões. A cidade tem que se aparelhar para receber o turista. A grande oportunidade turística continua sendo os serviços de exportação, os portos.

– Vitória, como outras capitais, enfrenta o problema da degradação ambiental. Como conciliar o potencial inexplorado na área turística com agressões, como a poluição?

– O projeto tem uma visão do meio ambiente muito forte e aguda. Está inserido no processo da Agenda 21

Local, que é um programa de atuação para o setor em cada município, aprovado pelos 170 países na Conferência Rio 92 do Meio Ambiente. Poucas cidades no Brasil se inscreveram como participantes. Vitória é uma delas. Foi feito agora um planejamento estratégico da cidade.

Em 1997, ocorre no Rio de Janeiro a reunião a Rio 92 mais 5, que é o novo encontro dos governantes participantes da Eco 92 no mundo inteiro. A meta é avaliar o que foi feito nesses cinco anos. Vitória estará muito bem posicionada.

– Na saúde, o estudo aponta a criação de Sistemas Locais de Saúde (-SLS). Como funcionaria na prática?

– Cada um desses SLS deve ter uma equipe encarregada de visitar todos as famílias da área, verificar se o atendimento à saúde, se as crianças estão vacinadas, se as mulheres grávidas têm feito o pré-natal. O objetivo é a prevenção das doenças. Este é um sistema que está sendo implantado agora em outras cidades brasileiras. É uma novidade, com resultados muito positivos. Vitória já começou a implantá-lo. Os SLS podem funcionar num posto de saúde em cada bairro, com sua própria unidade.

– O projeto Vitória do Futuro tra-

ta a cidade de uma maneira muito particular. Como fica a relação da Capital dentro do universo metropolitano?

– Nem todas as questões se resolvem apenas em âmbito da Capital. Por exemplo, cerca de 60% das crianças, que representam problemas sociais em Vitória, são originárias de municípios vizinhos. O mesmo ocorre nas áreas de transporte, saúde. Para a solução desses problemas, é necessária uma integração dos cinco municípios na busca de soluções comuns.

– Se não houver a consolidação da Região Metropolitana, o futuro da cidade está ameaçado?

– Certamente. Eu acho que se não houver esta integração e entendimento para uma solução metropolitana alguns problemas terão sua solução dificultada.

– Por que o projeto, então, não contemplou a integração dos sistemas de transporte da Capital ao intermunicipal (Transcol)?

– As regiões metropolitanas costumam ter linhas e esquemas integrados e linhas próprias de cada município ao mesmo tempo. Um dos projetos é realizar um processo de planejamento do sistema de transporte e trânsito, que identifique caminhos e soluções, com modelo de gestão metropolitana definido e qual a forma adequada de integração e administração desse sistema. Nós não propomos soluções já, porque o trabalho foi planejado apenas num período de seis meses.

– O estudo Vitória do Futuro mostrou que o trânsito é uma questão crucial para a cidade. Como se resolve este problema?

– A questão do trânsito envolve dois macroaspectos. O primeiro deles é a gestão do sistema de transporte. O outro, é do próprio equipamento viário, das ruas onde o sistema de transporte passa. Mas a solução definitiva desses problemas vai depender do que está previsto para a infra-estrutura viária da cidade. O principal problema está no gargalo de passagem pelo Centro da cidade. Estão previstas duas soluções viárias de longo prazo para retirar o trânsito de passagem do Centro e de outras vias de Vitória. O objetivo é permitir o fluxo mais fácil do transporte coletivo. Uma das soluções foi a chamada de Corredor Oeste, ou seja, uma via planejada que, a partir da Fernando Ferrari e da Ponte da Passagem, se dirigirá para o lado oeste da cidade, no caso a Rodovia Serafim Derenzi. Ela atravessará o maciço por um túnel. A via seguirá pela parte menos habitada da Serafim Derenzi e prevê, ain-

da, um elevado sobre a baía até chegar à rodoviária, onde se encontrará com a Segunda Ponte. Espera-se, assim, retirar o trânsito de passagem em direção a Cariacica de toda a parte central e costeira de Vitória. Outra alternativa é o túnel central, que vai da área da rodoviária até a Avenida Vitória, retirando totalmente o trânsito de passagem do Centro.

– Também está prevista a construção de novas pontes na cidade pelo estudo?

– Está prevista uma revisão, ou melhor, uma construção nova da Ponte da Passagem, que é muito limitada, baixa e acanhada. Ela será totalmente reformulada, em função da nova via do Corredor Oeste. Uma nova ponte deverá ainda ligar, através do Canal de Camburi, a área norte já com uma visão de mais longo prazo (no caso, ligando Jardim da Penha ao bairro Santa Luísa).

– Vitória registra um índice de crescimento da população inferior ao verificado no restante da Grande Vitória e no Estado. Que tipo de investimentos a cidade passa a exigir com este perfil no futuro?

– O município de Vitória tende a crescer menos. Está sendo estimada uma taxa tendencial de 1,4% ao ano nesse período do cenário. Isso coloca uma série de aspectos positivos para a administração pública, para a solução dos problemas da cidade, porque os equipamentos urbanos ficam menos pressionados. Por exemplo, se nascerem menos crianças, não é necessário construir novas escolas. Por outro lado, o número de pessoas em idade mais avançada tende a aumentar. Então, é preciso ter mais programas voltados à terceira idade, mais atendimento às pessoas idosas.

– O projeto prevê um tratamento mais nobre para a Região de São Pedro, onde está localizada hoje a usina de lixo. Como isso será possível?

– Esta área da usina de lixo está sendo utilizada com pouco retorno, é um espaço de baixo valor agregado em termos do uso pela cidade. O que se prevê é a desativação da usina, juntamente com a pedreira e a fábrica de asfalto. Elas estão numa região urbanizada. A usina de lixo, pelas suas características atuais, não tem condições de ser eficiente. Então, seria en-

contrada uma solução metropolitana e de mais longo prazo para o lixo. Assim, aquela área poderia ter uma destinação mais nobre, seja para instalação de centros de esportes, de convenções, construção de moradias.

– Na Educação, quais são os desafios para o futuro?

– A garantia de universalização total do ensino de primeiro grau. Vitória já tem um índice bastante elevado de crianças em idade escolar no colégio, mas eu creio que se pode atingir 100% desse universo. Têm que se encontrar mecanismos para que crianças carentes, hoje sem acesso à escola por questões sociais, sejam atendidas. Já existe um programa nesta direção, de garantir uma renda mínima à família.

– A PMV assumiria, então, o ensino de 1º grau oferecido pelas escolas estaduais no município?

– É o objetivo de municipalização total do ensino de 1º Grau. Em segundo lugar, o desafio mais difícil é o de reduzir drasticamente os índices de evasão e repetência, que são muito

altos, o que exige uma reformulação bastante importante de todo o processo educativo. No Vitória do Futuro, está prevista uma maior autonomia (pedagógica, administrativa e financeira) das escolas, preocupando-se mais com o produto da

educação do que com seus insumos. Não basta ter a escola, o professor, a carteira e a merenda. É preciso que se tenha o cuidado de que a criança esteja aprendendo e chegando à série final. Estão previstas a criação de um fundo escolar e a avaliação de desempenho das escolas e dos professores no ensino primário. Universalizar a pré-escola para todas as crianças de seis meses a seis anos de idade também é outra meta.

– A meta para 2010 na área da Ação Social é assegurar atendimento de todos os excluídos. Isso não é uma ousadia?

– Ela não é inviável para a Capital, que não é um município grande e tem uma administração bem organizada. Mas é preciso que seja feito esse processo de urbanização das áreas de ocupação irregular e degradadas, garantindo assim em todas elas os serviços sociais. De forma que toda a população possa ser atendida pelos programas, voltados

– O futuro da cidade aponta para um perfil verticalizado das construções, com prédios elevados?

– A cidade do futuro terá um nível de verticalização, certamente, maior que o atual. Embora tenha regiões mais densas, Vitória também tem áreas de baixa verticalização. O que importa neste processo de verticalização é combinar adensamento com estrutura viária. Não se pode permitir uma verticalização exagerada numa área que não tenha uma infra-estrutura capaz de suportar o trânsito e outros serviços urbanos. Em áreas, como, por exemplo, da Enseada do Suá e Praia do Canto, estão previstos estudos a longo prazo. O objetivo é estabelecer qual o índice de adensamento e quais as soluções viárias que podem ser equacionadas, no sentido de adaptar o PDU para não prejudicar a qualidade de vida.

– As soluções apontadas para os problemas indicam investimentos de grande porte, principalmente na área do trânsito. Como obter estas verbas?

– O fato é que Vitória tem alguns aspectos positivos para buscar financiamentos para os programas de investimento de peso, previstos no estudo. Um deles é exatamente o seu programa ambiental. O fato de a cidade estar trabalhando dentro da Agenda 21 Local e fazer este processo de planejamento permite que a Capital se credencie junto aos organismos internacionais como uma cidade preocupada com o meio ambiente. O programa de urbanização de áreas degradadas, como da região de São Pedro, teve reconhecimento internacional na Conferência Habitat, realizada em Istambul. Tudo isso ajuda. Creio também que em vários aspectos, Vitória poderá contar com a parceria do setor privado, principalmente os projetos viários.

– O projeto não corre o risco de vir a ser engavetado, dependendo do tratamento a ser dado pelos futuros administradores da cidade?

– Eu espero que este risco não ocorra e seja muito minimizado pela seguinte razão: ele foi um projeto da comunidade e não um trabalho feito pela Prefeitura. Envolveu 38 especialistas com as mais diferentes opiniões, partidos, segmentos sociais. Foi um projeto suprapartidário. Envolveu, ainda, toda a comunidade no Conselho Municipal. E agora este colegiado será institucionalizado. Deve ser criado um comitê de gestão do Vitória do Futuro para acompanhar sua implementação. O Conselho Municipal deverá se reunir duas vezes por ano e a cada encontro o comitê de gestão deverá apresentar o que está sendo feito, qual o plano para as próximas fases.

‘O Conselho Municipal deverá se reunir duas vezes por ano e a cada encontro deverá apresentar o que está sendo feito, qual o plano para as próximas fases’